



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Identidade, ancestralidade e resistência: o papel do cacique Xicão na integração folclórica e cultural do povo Xukuru¹

Maria Luiza Pereira GONÇALVES²

Luiza M. Barros ALVES³

Universidade de Pernambuco, Arcoverde, PE

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

Resumo

O presente trabalho buscou discutir a figura do cacique Xicão enquanto liderança integradora da identidade étnica e cultural do povo Xukuru. Especificamente, objetivou analisar como se deu essa integração, assim como investigar o processo de criação simbólica da figura de Xicão; por fim, procurou compreender a importância da identidade étnica e da retomada do folclore para a organização dos Xukurus. O marco teórico utilizado foi a teoria antropológica especializada no estudo da cultura étnica e, também, a filosofia Ubuntu, que traz conceitos não eurocêntricos. Duas décadas após a morte desse representante, o artigo se justifica pela relevância de investigar tanto a atuação desse líder político no cenário nacional, quanto na transformação histórica da sua comunidade e, ainda, sua contribuição para a descolonização do Brasil.

Palavras-chave: Xukuru Ororubá; Povos Originários; Identidade; Xicão.

Introdução

Marcados por uma história de violência que representa a forma como o Estado brasileiro trata os povos originários, as experiências do povo Xukuru do Ororubá, localizado no município de Pesqueira, agreste do estado de Pernambuco, refletem a resistência indígena frente ao mundo capitalista. No período colonial e nos anos subsequentes, os índios foram considerados o principal obstáculo ao caráter exploratório da colonização portuguesa. Para a concretização desse objetivo, esses povos foram

¹ Trabalho apresentado no GT 5 - Cultura, Meio Ambiente e Ancestralidade, da XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

² Aluna do 2º período do curso de Direito da UPE – Campus Arcoverde, integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas Transdisciplinares sobre Meio Ambiente, Sociedade e Diversidade (GEPT), e-mail: marialuiza0111@gmail.com.

³ Aluna do 6º período do curso de Direito da UFPE, e-mail: luiza-mba@hotmail.com.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

escravizados, expulsos de sua terra e impedidos de cultuar sua fé, além de terem seus costumes criminalizados.

Mesmo após o fim desse período, os resquícios de tamanha violência continuaram se manifestando e os Xukurus passaram a viver desintegrados. Por muito tempo esses indivíduos vagaram envergonhados de sua cultura e temerosos por suas vidas e, por isso, extirpados da sua ancestralidade. Diante desse cenário, surge a figura de uma liderança que supera o paternalismo e assume uma postura política integradora da comunidade.

Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo geral entender a importância política do Cacique Xicão enquanto elemento propulsor da reunificação do povo Xukuru. Inserido dentro de um contexto estratégico na democracia brasileira, a liderança de Francisco apresenta uma proposta audaciosa, que perpassa por um trabalho social intenso a fim de aproximar o povo disperso e de empreender uma reconexão através de elementos ancestrais. Dessa forma, os objetivos específicos são a análise de como se deu a perda desses elementos de identidade étnica na comunidade em questão, assim como a busca para o entendimento de como aconteceu o processo de criação simbólica da figura de Xicão; por fim, procurou-se compreender a importância da identidade étnica para a organização do povo Xukuru.

O presente trabalho se justifica pela importância de compreender a figura política do cacique Xicão e sua relevância para seu povo. Nesse segmento, analisar e interpretar a trajetória dele no cenário em que estava inserido é contribuir para a história do Brasil e proporcionar visibilidade à luta daqueles que foram oprimidos desde a colonização. Ainda, é necessário refletir sobre a construção da etnicidade desse povo de maneira a contribuir para a descolonização no Brasil.

A fim de alcançarmos esses objetivos, nos utilizamos do método histórico pois, para entender a formação das instituições de hoje, precisamos verificar a influência dos acontecimentos e processos do passado. Também, aliamos o método etnográfico ao de observação participante para, então, empregar o método funcionalista, que “considera, de um lado, a sociedade como uma estrutura complexa de grupos ou indivíduos,



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

reunidos numa trama de ações e reações sociais; de outro, como um sistema de instituições correlacionadas entre si, agindo e reagindo umas em relação às outras.” (MARCONI; LAKATOS, p. 110, 2003)

Por fim, concluímos que o cacique Mandaru não foi apenas um líder, mas também um homem visionário que transformou a história do seu povo para sempre. Através dele, sua comunidade conquistou a terra sagrada e retomou sua ancestralidade interrompida pelos processos colonizadores. O assassinato de Xicão tinha como por objetivo calar os Xukurus, no entanto, promoveu diretamente sua ascensão à categoria de símbolo da resistência da qual foi o precursor.

História e resistência dos guerreiros do Ororubá

O povo Xukuru Ororubá habita um conjunto de montanhas conhecido como a Serra do Ororubá, que se localiza no município de Pesqueira, na região agreste de Pernambuco. Uma pesquisa realizada pela FUNASA (Fundação Nacional de Saúde) constatou que no ano de 2010 viviam cerca de 13 mil habitantes no local, difundidos em um território de 28 mil hectares e divididos em 25 aldeias. A área ocupada apresenta uma grande riqueza hidrográfica, com a presença do Rio Ipojuca e Rio Ipanema, além de uma grande variedade natural.

Atualmente, conta com a quarta maior população indígena do país, sendo, por isso, a maior do Nordeste brasileiro. Possui, em toda a extensão da sua área, um total de 36 escolas, nas quais crianças e adolescentes são instruídos tanto do currículo base da educação brasileira, quanto dos seus costumes e dialeto próprio.

Os primeiros registros do povo datam do período colonial, e atestam a existência de conflitos entre os portugueses e os moradores da localidade, nomeada como Vila de Cimbres. Em um processo desenvolvido de maneira lenta e contínua, a posse das terras foi tomada e repassada para os fidalgos lusitanos. Esses colonizadores, arautos da fé católica, foram os responsáveis pela violência originária sofrida pelos índios, que persistiu ao longo do tempo se manifestando das mais diversas maneiras.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Uma das formas de manifestação da violência exercida foi a utilização da mão de obra indígena de maneira forçada. Como os “gentios” não entendiam a lógica hierárquica, nem compreendiam o trabalho enquanto uma obrigação inacabável, resistiram firmemente a essa forma de opressão, ocasionando inúmeras situações de conflito. Como bem pontuou Jhon Monteiro (1994, p.115):

(...) os índios desenvolveram contra-estratégias que visavam forjar um espaço para uma sobrevivência um pouco mais digna e humana. Resistindo à opressão dos senhores os índios resistiam à ordem a que estavam submetidos de todas as maneiras possíveis. (...) Fugindo do cativo, furtando de seus senhores e vizinhos, invadindo propriedades, negociando produtos livremente, os índios buscavam estabelecer alguma independência de ação frente à estrutura escravista.

Em decorrência da resistência a esse quadro social de exploração, o medo e a violência se tornaram constantes no seu cotidiano. As famílias que não permaneceram em suas terras resistindo a situações de exploração e ameaças, foram expurgadas de seu espaço pelos fazendeiros, invasores do território indígena. Os sobreviventes, fugindo das perseguições, se dispersaram pelas áreas circundantes, ou foram morar em outros aldeamentos e periferias das cidades.

Dessarte, suas terras se tornaram propriedade de latifundiários, e o que antes era liberdade se tornou trabalho em troca de subsistência. Com isso, apesar da mudança dos tempos e da extinção da escravidão, os latifúndios continuaram pertencendo às grandes famílias da região que, por sua vez, perpetuaram o seu poderio e opressão sobre os povos Xukuru.

Além disso, a catequização forçada e brutal foi imposta, e suas marcas são visíveis até hoje. Os colonos enxergaram nos índios um meio de propagação do catolicismo, e se empenharam na criação de estratégias para converter as comunidades Xukurus. O resultado disso foi desencadeamento de um processo de supressão das crenças e cultos, além de uma perseguição àqueles que eram os representantes dessa fé. O SPI (Serviço de Proteção ao Índio) expôs essa realidade através de um relatório, em Edson Silva (2007):

Nesse Relatório o sertanista citou os Xukuru como moradores em várias localidades na Serra do Ororubá e que os “caboclos mais velhos por se



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

reunirem para realização dos seus rituais, eram denunciados à polícia como catimbozeiros pelos “brancos”, os fazendeiros invasores nas terras indígenas. Líderes dos cultos indígenas foram intimados a comparecer à Delegacia e os índios estavam proibidos pela polícia de praticar “o segredo” do Ouricuri. Os invasores das terras indígenas procuravam reprimir as expressões de afirmação da identidade indígena a qualquer custo. Outros indígenas foram denunciados tendo as autoridades policiais “os proibido de curatórias”. O sertanista afirmava, ainda, que “alguns costumes Xukurus ainda vivem em seu coração”. O Toré era dançado na Festa de Nossa Senhora das Montanhas, em Cimbres.

Nesse sentido, como consequência da interferência realizada nesses tempos, ocorreu um afastamento entre os povos originários dessa região e a sua ancestralidade. Afugentados da Terra Sagrada, dos locais onde realizavam seus rituais e “plantavam” seus antepassados, além de apartados dos seus parentes, esse povo foi perdendo o sentimento de união e, por conseguinte, sua identidade como índio. Em Edson Silva (2007, 91-2), ele pontua, citando o jornalista Mário Melo:

O autor pernambucano fez uma comparação com os índios Carnijós de Águas Belas, acentuando que contrariamente aqueles os de Cimbres “vivem desagrupados” e que “já não conservavam tradições, nem religião”. “Quase que perderam a língua”, mas guardavam ainda algumas palavras, faladas com o português “em forma de gíria”.

Dessa forma, ocorreu o fenômeno que o jornalista Mário Melo retrata com o termo neologístico “defamiliarização”. Os remanescentes indígenas, detentores da tradição do seu povo, subsistiram fora do seu contexto cultural, reprimindo em si um traço que os definem e delimitam a sua individualidade: a conexão com a sua comunidade, a terra, os cultos, rituais e natureza. A contrapartida da resistência e da luta pela vida apresenta um marco negativo na vida desses povos. O afastamento de um Xukuru implica o rompimento da sua identidade, pois, segregado da sua comunidade, perde o conteúdo essencial que o define: a coletividade.

Escolhido pelos Encantados, nasce o Guerreiro da Paz

O processo de diáspora do povo Xukuru foi cessando gradualmente a partir da década de 80, através da ascensão de um novo líder que buscou não só reunir seu povo,



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

mas recriar o sentido de comunidade inerente a ele. Para isso, pessoas que viviam marginalizadas em regiões periféricas na cidade de Pesqueira e espalhadas nos municípios circundantes, além daquelas que trabalhavam para latifundiários em condições precárias, foram convocadas a lutar pelos seus direitos.

Francisco de Assis Araújo era filho de mãe e pai indígena, criado no pequeno pedaço de terra que sobrou para sua comunidade, e desde cedo adquiriu um sentimento de solidariedade com o seu povo. Apesar disso, se desgarrou de sua aldeia para trabalhar como caminhoneiro em São Paulo, voltando às suas raízes tempos depois viciado em álcool e acometido de grave enfermidade. Após passar 36 dias internado, fez uma promessa a Nossa Senhora das Montanhas, pedindo sua cura em troca do dever de auxiliar seus parentes até o fim de sua vida.

Auxiliado pelo pajé Zequinha, Francisco largou o vício e gradualmente assumiu um papel de liderança legitimado pela escolha dos Encantados (ancestrais que habitam a Natureza Sagrada), dessa forma, ganhou o posto de vice-cacique como meio de prepará-lo para o futuro:

“A criação de um posto de “vice”, que ainda não tinha aparecido no grupo, segundo seu Zequinha, teve por objetivo promover Xicão a uma categoria próxima ao de liderança principal do grupo, para posteriormente assumir o cargo principal. Podemos verificar na concepção do “vice-cacique” a questão da reapropriação de um critério oficial de legitimação (a figura do cacique), que havia sido empregado pelo órgão indigenista e que foi revisto como forma de fortalecer uma determinada liderança, no caso, Xicão. (OLIVEIRA, p. 10)

Além disso, a cura milagrosa da condição de enfermidade enfrentada por ele é um segundo indício que ressalta o caráter acertado de sua escolha para representar o povo, atribuindo a figura do cacique a influência de um poder superior. A força dos Encantados faz incidir sobre Francisco a ideia de que é seu destino ocupar o posto de liderança e alimentam a construção do ideário que rodeia a sua figura.

Com a efervescência política no Brasil e iminência da Assembléia Nacional Constituinte no final da década de 80, o então vice cacique Xukuru foi enviado como representante do seu povo para lutar pelos seus direitos e obter um espaço na nova Constituição. Foi nesse cenário de destaque que Francisco foi escolhido em



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

deliberação pelos membros, em detrimento de muitos outros, como representante político e simbólico.

Se afastando de um arquétipo paternalista ligado até então à função do cacique, Xicão, como ficou conhecido pelo seu povo, foi uma figura política visionária que, através do discurso persuasivo, ultrapassou os pequenos limites do seu território para elevar a problemática do seu povo ao nível nacional. Para OLIVEIRA (p. 12), é percebido nesse último processo de mudança de liderança uma alteração na própria definição do papel de cacique, marcada por embates que desestabilizaram a forma como vinha sendo conduzido o cacicado. A estratégia dele perpassou pela união de sua comunidade, o que necessitava de uma atuação direta nas áreas e periferias nas quais os Xukurus se estabeleceram após a evasão. Marquinhos Xukuru, em entrevista ao programa Pé Na Rua (2015):

Nós tínhamos um grande guerreiro que era o Cacique Xicão Xukuru, como era conhecido, e assumiu essa atividade, essa função. Foi escolhido pelos Encantados, pela Natureza, pra fazer a defesa desse território [...] E a partir daí começou todo um processo de luta, de organização do povo Xukuru que vivia disperso dentro do território. Trabalhavam nas fazendas, enfim, não tinham acesso a sua própria terra, onde as pessoas negavam sua identidade. A partir daí começou um processo de aglutinação do povo, e aí as pessoas começaram a assumir sua identidade e lutar pela reconquista do território Xukuru [...]

A partir disso, é notável a importância da liderança do Cacique Mandaru na união dos vínculos violentamente interrompidos como meio de adquirir forças para luta que estava por vir. Dessa maneira, esse homem buscou pelo seu povo através de peregrinações, impulsionando o diálogo por meio de reuniões com os indígenas. Suas viagens em busca dos que se dispersaram integrava a finalidade de mobilização do grupo por meio da informação sobre as leis recém-conquistadas pela nova Constituição.

Lembro-me muito jovem, 8 anos de idade, acompanhando meu pai, o Cacique Xicão, dando início a todo processo de recuperação de nosso território que ali estava totalmente invadido pelos latifúndios. Lembro-me que por muitas vezes andamos de aldeia em aldeia arregimentando nosso povo porque ali já não afirmava sua identidade étnica por conta da presença dos latifúndios que ocupavam aquele espaço, coibia a presença dos nossos ritos, nossos rituais, costumes e tradições. Mas mesmo assim, o grande



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

guerreiro da paz, Xicão Xukuru, junto de outras lideranças, nosso pajé Zequinha, nosso líder espiritual, conseguimos aos poucos trazendo as famílias e assim conseguimos juntar nosso povo que vivia disperso porque tinha medo de se afirmar enquanto Xukuru porque era perseguido, assassinado. (CIDH - Corte Interamericana de Direitos Humanos, 2017)

Em contribuição a formação dessa figura particular, foi atribuído a ele a ideia de “Cacique do Povo”, em contrariedade à continuidade da existência do chamado “Cacique da Funai”. Ressurge, então, um tempo de liderança efetivamente escolhida pelos Xukurus, retomando a credibilidade nas ações políticas em compromisso com o povo, perdida pela interferência “estranha” de órgãos governamentais. Em decorrência disso, apesar da insatisfação por parte daqueles que se opunham às ideias e ao modo de liderança de Xicão, os seus “opositores” foram gradualmente abrindo mão de suas rivalidades para apoiar o bem comum e fortalecer a coletividade.

A força do cacique e seu sucesso na união do povo Xukuru trouxe sobre si a ira dos fazendeiros que ocupavam suas terras no município de Pesqueira. Assim, no dia 20 de maio de 1998, após diversas ameaças e denúncias infrutíferas, foi assassinado ao estacionar seu automóvel em frente à casa da irmã, no bairro dos Xukurus. Uma sucessão de tiros desferidos a queima roupa por um pistoleiro desconhecido ceifou sua vida.

Se, por um lado, a morte anunciada do representante foi sentida por seus parentes, por outro endossou a luta pela qual ofereceu sua vida. Em entrevista a índio João Jorge de Melo, em 30/03/2002, SILVA (2007, p. 99):

(...) estava falando sobre o tempo em que aqui existia cacique da Funai, não tinha cacique, era cacique da Funai e até que nasceu o Cacique Xicão foi lutar por nós, foi assassinado... morreu por nós, não se vendeu a ninguém, certo? E estamos lutando para que o nosso povo seja liberto, na nossa área. Aqui chegou o tempo de nós trabalharmos aqui dentro das nossas terras... E hoje nós temos aqui, essa área aqui, nós temos muito trabalho do Cacique Xicão, a saudade é grande que nós temos, mas quando o Cacique Xicão levaram ele, que lá ou os fazendeiros achava que calando a boca do Cacique Xicão, calava a boca dos Xukuru, mas não. Nós nos unimos, nos organizamos e nasceu mais índio Xukuru.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Nos dizeres de sua esposa, conhecida como Mãe Sacarema, no momento de seu sepultamento: “Xicão não morreu, ele foi plantado para que dele nasçam novos guerreiros”. Embora abalado pela brutalidade, a voz de Xicão foi capaz de transformar em uníssono o grito disperso dos guerreiros do Ororubá, e através do seu legado fez renascer a identidade suprimida pela opressão.

“Sou Ororubá, sou índio pra valer”: a importância da identidade étnica e folclórica na luta Xukuru

Muitos autores defendem a etnicidade como fator biológico, pautado em questões fenotípicas herdadas geneticamente. Uma visão contemporânea, porém, considera essa questão superada por outra que engloba aspectos culturais e simbólicos que guiam as condutas dos sujeitos que a ela estão envolvidos. Apesar disso, a cultura não é algo imutável, ela é dinâmica e capaz de ressignificações. Para Manuela Carneiro da Cunha (1986):

A cultura original de um grupo étnico, na diáspora ou em situações de muito contato, não se perde ou se funde simplesmente, mas adquire uma nova função, essencial e que se acresce às outras, enquanto se torna cultura de contraste: este novo princípio que a subtende, a do contraste, determina vários aspectos. (...) A cultura não é algo dado, posto, algo dilapidável também, mas algo constantemente reinventado, recomposto, investido de novos significados e é preciso perceber (...) a dinâmica, a produção cultural

Então, podemos inferir que cultura não é um elemento rígido, pois apesar de ser construída através do tempo, não limita a ele as suas formas de significação. Nesse sentido, ela ultrapassa o aspecto social, adquirindo também conformidade política, capaz de afirmar um grupo perante outros, contribuindo para sua afirmação étnica. Para Carlos Manuel Martins Branco (2006) “A identidade étnica é uma construção social que pode ser aumentada ou diminuída em determinado momento histórico e contexto econômico e social [...] A opção étnica é uma escolha individual feita em liberdade; é escolhida em vez de atribuída.”.

Assim, conectando o caso do Povo Xukuru a essas definições podemos perceber que apesar de no passado ter havido uma quebra com a ancestralidade e os aspectos



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

identitários terem enfraquecido, Xicão os trouxe de maneira ressignificada. Com isso se afirma que em um momento de conflito e necessidade de união, Mandaru foi aquele que buscou reafirmar os aspectos culturais de sua comunidade para promover autoestima e resistência frente às opressões existentes.

Ainda segundo Kelly Oliveira (2002, p.12) conforme dito por Manuela Carneiro da Cunha (1986):

A valorização de elementos de distinção étnica também se fez relevante neste momento. Afinal, o conflito exigia a exaltação a elementos de contraste com os não índios, valorizando a identidade étnica Xukuru a fim de integrar um povo que por anos teve que negar ou minimizar a identidade. São os momentos de conflito os que mais exigem a presença de sinais de pertencimento a um determinado grupo e que nesses momentos a cultura adquire um caráter de contraste com a sociedade envolvente, sendo constantemente reinventada para a obtenção desse fim.

Houve, então, uma retomada da religião, das danças e pinturas. Para Kelly Oliveira (2009, p.49) “O caminho encontrado veio principalmente através da dança do toré, que foi estimulada pelas lideranças do grupo e paulatinamente tomou espaço como elemento de mobilização”. Conquanto tenha havido uma forte assimilação dos povos Xukurus com a sociedade sertaneja que circundava seu território originário, a militância do cacique partiu de um contexto de pouca *distintividade* cultural (OLIVEIRA, 2004), objetivando o fomento de atividades políticas manifestadas através de elementos intrínsecos à identidade indígena.

Esse resgate do folclore, consistente em expressões e manifestações populares, retomam um modo de sentir, pensar e agir característico de um povo. Apesar desses costumes terem sido aprendidos com os ancestrais, eles ganharam um novo modus que ajudou no movimento da comunidade Xukuru, sobre isso, Beltrão (2004, p. 72):

O discurso folclórico, em toda a sua complexidade, não abrange apenas a palavra, mas, também, meios comportamentais e expressões não-verbais e até mitos e ritos, que vindos de um passado longínquo, assumem significados novos e atuais, graças a dinâmica da Folkcomunicação.

Nesse contexto, Xicão Xukuru pôs em prática uma proposta visionária. Dançar o toré passou a representar a ideia de se intitular como índio, e sua prática sistemática



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

possibilitou a auto compreensão desses sujeitos enquanto portadores de uma individualidade diferenciadora. Através dele, o ritual do toré passa a ter conotação política e se apresentar como elemento de distinção do grupo, conforme retrata OLIVEIRA, 2009, p. 53:

A mudança ou acréscimo, não na prática performática propriamente dita, mas nas funções representativas do toré, aconteceu a partir de 1989, quando a dança passou a figurar como estratégia de valorização étnica, um sinal diacrítico essencial na configuração do grupo. Logo após a promulgação da Constituição, o então cacique Francisco de Assis Araújo, o Xicão Xukuru, começou a visitar as aldeias na intenção de agregar um maior número de pessoas na mobilização pela terra. Além de explicar os novos direitos garantidos pela Carta Magna, estimulava a realização do toré em aldeias que já tinham essa prática estabelecida, mostrando que agora poderiam executar o rito de seus antepassados sem medo.

Acerca dessa perspectiva de identidade a partir de aspectos ligados à comunidade, podemos relacioná-la a filosofia Ubuntu, que se caracteriza pela forma como outros povos originários se relacionam no continente africano. Esse conceito pode ser traduzido como “ser através dos outros” e é uma característica de sociedades que desligadas do capitalismo se relacionam de forma harmoniosa com “o outro” que pode ser tanto as outras pessoas da comunidade, quanto a natureza. Podemos acrescentar também que representa a ideia de que um ser humano só se humaniza através de outros seres humanos e que a identidade de um sujeito está ligada a sua comunidade.

Essa afroperspectiva se adequa ao resgate que o Cacique Xicão buscou realizar através da recriação dessa ligação de uns com outros e com a natureza. Dessa forma, as identidades perdidas retornaram a sua origem e transformaram-se em uma força quase vital que manteve o povo unido. Podemos ainda compreender que índios e comunidades africanas possuem uma ligação maior consigo mesmos e com o mundo que o cerca, pois estão menos inseridos dentro da lógica capitalista do universo globalizante. Sobre isso, Francisco Antônio de Vasconcelos (p.101, 2017) diz: “Ubuntu aponta para uma existência marcada pela convivência harmoniosa com o Outro. Dessa forma, o espírito que dá vida a essa filosofia traduz-se em respeito que se converte na valorização do humano (muntu) e da natureza (kintu).”



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Uma forma da relação eu-nós que se perpetua no povo Xukuru é a crença no “plantio” de seus antepassados. Assim, como já foi dito, Xicão foi colocado embaixo da terra, mas não apenas em um ritual de despedida, mas em um ritual de resistência simbólica. O assassinato do cacique pelas mãos daqueles que sempre oprimiram esse povo, em um momento de batalha pela reconquista de seu território, ganhou significado de luta que até hoje é perpetuado dentro da aldeia.

Nesse sentido, a passagem do Guerreiro da Paz elevou sua vida a uma categoria que transpassa a humanidade e ganha um caráter transcendental. Dessa forma, dos mais velhos aos mais jovens, o nome de Xicão tem uma conformação de orgulho identitário que é cultuada pelo seu povo em assembleias anuais que discutem os avanços conquistados e os que precisam ser atingidos, além de promover o resgate de sua memória. Há dezoito anos, no último dia do evento, uma tradicional passeata percorre o caminho entre a Pedra D’água e o centro da cidade de Pesqueira. Ouve-se desde longe, abafado pelo ritmo dos pés na terra seca e o som do jupago, o grito que entoia em uníssono a voz de um povo sem mordanças: “Viva mãe Tamain, Viva Pai Tupã, Viva Cacique Xicão!”

Considerações finais

A atual geração de indígenas observa o futuro com o olhar confiante, convictos de sua identidade e orgulhosos de sua ancestralidade. Com uma história marcada pela luta da reconquista de seu território e pela autoafirmação de sua existência, o povo Xukuru do Ororubá persiste e ensina que através da união, da reconexão entre o “eu” e “os outros” é possível resistir aos avanços do mundo capitalista, que destrói aqueles que, desafiando sua lógica, possuem uma vida pautada no respeito à humanidade e à natureza.

A retomada do sentimento de unidade se apresentou como fator decisivo no processo de resistência desse povo. O fortalecimento de aspectos religiosos e culturais foi capaz de reconectar indivíduos entre si, com sua história e ancestralidade. Ainda, ao



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

recuperar esses aspectos em um contexto de luta, ressignificaram seus símbolos e folclore de forma a atribuir a cada um deles um teor político.

Dessa forma, ratificando o que foi amplamente discutido nesse trabalho, é inegável a importância do cacique Xicão Mandaru como liderança responsável por contribuir categoricamente na reunião da sua comunidade e apresentar uma nova perspectiva de futuro no qual não existe medo diante da perseguição da sua cultura. Se o assassinato do cacique pelas mãos dos latifundiários possuía o objetivo de calar as vozes por justiça, o efeito foi o contrário, e sua morte foi ressignificada dentro da aldeia.

Conclui-se, então, que essa comunidade adquiriu orgulho da sua identidade através do fortalecimento de elementos étnicos ligados à sua ancestralidade, processo promovido com audácia pela figura retratada nesse trabalho. A postura de um Xukuru moderno apresenta-se hoje como uma simbiose entre o passado e o presente. Por um lado, conecta-se com seus ancestrais e invoca a força dos Encantados e, por outro, se organiza politicamente para afirmar suas necessidades e posicionamentos diante do cenário nacional.

Os avanços conquistados são inegáveis e se tornam um exemplo para outros povos originários que buscam sua emancipação e enxergam na organização do Xukurus um modelo a ser seguido. No mais, esse caso não é apenas um ensinamento para outros indígenas, mas apresenta uma alternativa a sociedade capitalista moderna que, caracterizada pela desconexão entre os indivíduos que a integram, desliga-se de si mesma, gerando pessoas solitárias e sem aptidão para vida na coletividade.

Referências bibliográficas

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias**. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

BRANCO, Carlos Manuel. **Etnicidade e violência étnica: as diferentes abordagens teóricas e sua utilidade na gestão de conflitos**. Revista militar. Lisboa, nº 2458, 2006.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

COELHO, Hélio Ferreira. **Povo Xukuru do Ororubá: conflitos fundiários e nova administração no território indígena em Pesqueira e Poção (PE)**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade Damas, Recife, 2017.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Antropologia do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas 2003.

MONTEIRO, Jhon. **O escravo índio, esse desconhecido**. IN: Luís Donisete Benzi Grupioni (org.). *Índios no Brasil*. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1994, p. 105-120.

OLIVEIRA, Kelly Emanuely de. **Os guerreiros do Ororubá: o processo de organização política e elaboração simbólica do povo indígena Xukuru**. 2006. Dissertação de mestrado. João Pessoa: UFPB.

_____. **Os terreiros e o toré: o diálogo entre religião e política no fortalecimento do povo Xukuru do Ororubá (PE)**. Cadernos do LEME, Campina Grande, vol. 1, nº 1, p. 47 – 66. jan./jun. 2009.

PÉ NA RUA. **Marquinhos Xukuru é Nossa Cara**. 2015 (5m59s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Gw428WefGZM>. Acesso em: 21 maio. 2018.

SILVA, Edson. 2008. **Xukuru: memórias e história dos índios da Serra do Ororubá (Pesqueira/PE), 1959-1988**. Tese de doutorado - Unicamp, São Paulo, 2008. Universidade de São Paulo, 1986.

VASCONCELOS, Francisco Antônio de. **Filosofia Ubuntu**. Logeion: Filosofia da informação. Rio de Janeiro, vol. 3, nº2, p. 100-112, mar./ago. 2017.

XUKURU, Diego. **Audiência Corte Internacional**. 2017 (9m55s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3TSq0NJyMp4> . Acesso em: 18 maio. 2018.
XVIII ASSEMBLEIA DO POVO XUKURU: **Eu sou Xikão**. Pesqueira, 17-20 de maio de 2018.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

ANEXO A - Imagens da XVIII Assembleia do Povo Xukuru do Ororubá



Fonte: fotos retiradas por @year1928



Fonte: fotos retiradas por @year1928